



Sebastian Munster, *Mapa de Taprobana* (1544).

Um Viajante Imaginário, Iambulo, e um Fidalgo Português Anónimo nas Ilhas do Sudeste Asiático

JUAN GIL*

O homem moveu-se sempre ao ritmo das mesmas esperanças e expectativas. A grande era da expansão europeia não fez senão reactivar ideias, sentimentos e quimeras que durante muitos séculos tinham permanecido latentes ou sonhadas. Consequentemente, às vezes convém olhar para trás, para contemplar os modelos que, a seu tempo, foram criados pela antiguidade clássica para as viagens dos descobrimentos. De todos aqueles modelos, um dos mais sugestivos é, sem dúvida, a literatura fantástica, que inaugurou um género que é mais actual do que nunca. Será bom, então, por um momento debruçarmo-nos sobre uma daquelas viagens imaginárias escritas na época greco-romana, pois não só nos deleitará com a sua frescura, mas proporcionar-nos-á também o contraponto adequado aos sonhos e às aspirações do homem do renascimento.

Observemos uma navegação imaginária ao Sudeste asiático feita por um homem que viveu há muitos anos, muito provavelmente numa cidade do Oriente mediterrânico; de passagem, teremos a ocasião de fazer reviver a figura de um humanista português.

A VIAGEM DE IAMBULO

No final do segundo livro da sua obra *Biblioteca storica*, dedicado à história e à geografia do Oriente,

* Professor catedrático da Universidade de Sevilha, autor de uma vasta bibliografia dedicada aos contactos da Europa, sobretudo dos países ibéricos, com a Ásia. De entre as suas obras, que estão traduzidas em diversos países ocidentais e asiáticos, destacam-se *Mitos y utopías del descubrimiento* (3 vols., Madrid, 1989), *Hidalgos y samurais* (Madrid, 1991), *En demanda del Gran Khan* (Madrid, 1993) e *La India y el Catay* (Madrid, 1995).

Professor at the University of Seville, author of a great many books on European, and specially Iberian, contact with Asia. His works have been translated in various Western and Asian countries, and include Mitos y utopías del descubrimiento (3 vols., Madrid, 1989), Hidalgos y samurais (Madrid, 1991), En demanda del Gran Khan (Madrid, 1993) and La India y el Catay (Madrid, 1995).

Diodoro Sículo, um historiador contemporâneo de Júlio César e de Octávio César Augusto, achou que seria oportuno terminar a descrição da Arábia com a notícia de uma notável descoberta marítima: a viagem feita por um tal Iambulo através do Oceano Índico até encontrar uma ilha fantástica, povoada de homens portentosos. O resumo pobre de Diodoro, feito de extractos mal encadeados, é tudo – ou quase tudo – o que sabemos sobre Iambulo, o protagonista e talvez o autor do livro¹. O nome indica origem semítica, embora não forçosamente síria²: Meissner³ referiu, a propósito, o hebreu *Yabal, Yubal*, mas F. Altheim⁴ considerou o nome de origem árabe (*ynbl* ou *ynblw*): Iambulo teria sido um nabateu helenizado. As circunstâncias da sua vida escapam-nos, embora todos os indícios apontem para que o autor não tenha sido muito anterior a Diodoro. De qualquer forma, Iambulo terá residido no Oriente (Síria, ou melhor, Egipto), quando as relações comerciais com a Índia começaram a atingir um nível espectacular ao realizar-se já a navegação desde o Golfo até à costa do Malabar (isto acontece no fim do século III, ou melhor, no século II a.C.)⁵ e não, como antes, contornando a costa até chegar a Barígaza (Broach). Podemos imaginar as conversações dos marinheiros contemporâneos ao chegarem ao porto, fantasiando as suas aventuras para encarecer a mercadoria, referindo mil maravilhas da terra visitada e vangloriando-se da sua destreza e sangue frio, em proezas meio reais, meio sonhadas. Embora mais do que um daqueles intrépidos viajantes pudesse ter-se sentido tentado a escrever as suas peripécias, não há actualmente mais relatos deste tipo do que o lacónico *Périplo do mar Vermelho*, escrito exclusivamente com fins comerciais. Não obstante, a prova de que existiu tal género de literatura é uma obra como esta, na qual a narração é clara, sem tentar iludir ninguém, um périplo imaginário.

HISTORIOGRAFIA

A finalidade do livro de Iambulo, embebido de doutrinas estoicas e cínicas, é mostrar, entre verdades e gracejos, um paradigma de vida ideal, fazendo-nos ver as excelências de um mundo na verdade feliz, embora, e certamente por essa razão, inatingível, e que, por acaso, fica situado nos limites da terra: o melhor encontra-se sempre fora do alcance. Trata-se de um precedente claro da *Utopia* de Thomas More, baseada também no brilho das últimas navegações, as dos portugueses pelas costas da América do Sul e pelo Oceano Índico. Entretanto, toda a imitação, cómica ou séria, requer a existência de um modelo precedente. No exemplo de More constituem o seu ponto de partida as *Navigaciones* de Américo Vespúcio; no caso de Iambulo o precedente tem que ser uma viagem verdadeira à Índia e às suas ilhas.

A fim de acentuar o contraste entre a utopia e a realidade, entre o mundo sonhado e o mundo vivido, o protagonista é um modelo de infelicidades. Trata-se de um homem letrado e sedento de conhecimento, que vê gorada a sua vocação com a morte de seu pai, infortúnio que o força a abraçar o comércio. A sua estrela como comerciante extingue-se ao cair nas mãos de dois bandos de foragidos – árabes, os primeiros e etíopes, os segundos. Com este duplo cativo, obscurece-se ainda mais a sua vida. De sujeito, Iambulo transforma-se em objecto, uma coisa simples que passa de mão em mão sem que ele, na sua condição de escravo, tenha direito a decidir o seu destino. Para agravar este estado de coisas, a viagem extraordinária também lhe foi imposta. Iambulo, como *pharmakós* o bode expiatório, cumpre a ordem de se lançar no oceano e faz, contra a sua vontade, uma grande descoberta marítima, embora seja uma descoberta anunciada: todos os etíopes conhecem de antemão a existência da fabulosa ilha. Finalmente, quando Iambulo se encontra mais feliz e ditoso na sua nova vida, acontece-lhe um último e inesperado infortúnio, pois são os próprios ilhéus que o forçam a sair do país ideal. Iambulo é, conseqüentemente, um brinquedo do destino, um exemplo de como o Acaso (o *Tyche*) se pode enfurecer com os miseráveis seres humanos. O seu grande mérito consiste, aparentemente, em nunca ter oferecido resistência à adversidade, em ter sabido ser um novo Ulisses caído na desgraça, capaz de ultrapassar os dissabores sem proferir protestos inúteis. Assim, e graças à sua paciência, Iambulo sai vencedor de todos os infortúnios, fazendo jus ao velho provérbio:

ducunt uolentem fata, nolentem trahunt (o destino protege os que aceitam, mas arrasta aqueles que o recusam). A estrutura da obra, tão barroca, recorda a não menos complicada trama das novelas gregas, com as mil peripécias a que são submetidos, contra sua vontade, os amantes que as protagonizam. Nestas novelas de amor, a castidade é a virtude que supera todas as vicissitudes e todos os obstáculos. Aqui o sofrimento humano só serve aparentemente de mero expediente para referir as maravilhas de um país de fábulas e a bondade da sua terra e dos seus habitantes, por contraste com o corrupto mundo romano, Babilónia abominável e poço de todos os vícios.

O PRIMEIRO COMENTÁRIO ERUDITO: O FIDALGO PORTUGUÊS

Curiosamente, alguns incautos aceitaram a viagem de Iambulo como sendo real. Assim o fez o próprio Diodoro Sículo, de maneira surpreendente (ou será que ele também só teve conhecimento da mesma através do extracto?), embora se deva admitir que a sua credulidade foi extraordinária: como que aceitou sem qualquer reserva a veracidade da narração de Evémero. Para nós, não obstante, tem mais importância o facto de que, séculos mais tarde, na terceira ou quarta década do século XVI, também o avalizou, com a sua autoridade, um “fidalgo português”, o primeiro que analisou este texto de um ponto de vista crítico e com conhecimento de causa. Numa viagem a Itália este fidalgo visitou Veneza, onde se tornou amigo de Gianbattista Ramusio, o grande coleccionador de viagens, com quem manteve douras conversações sobre o Extremo Oriente. O português conhecia bem o latim e tinha estado, segundo dizia, na Índia e em Malaca. Lamento não poder identificar exactamente a ciência deste personagem, que, embora desconhecido pela generalidade dos historiadores⁶, é introduzido por direito próprio no vasto plantel de cosmógrafos que Portugal deu ao mundo no século XVI. Diversas fontes clássicas tinham incidido sobre a Índia e as suas ilhas. Os portugueses compararam pacientemente as notícias dos antigos com a sua experiência pessoal; o melhor exemplo desta verificação sistemática é-nos dado através do caso de D. João de Castro, que se aventurou pelo Mar Vermelho com as tabelas ptolomaicas na mão para confrontar os dados do alexandrino e para corrigir os

HISTORIOGRAPHY

seus erros⁷. Na verdade, o mesmo fez o fidalgo em questão com a viagem de Iambulo.

A sua idade e experiência no Oriente granjearam grande crédito ao português, quem quer que ele fosse, que, perante a espantada audiência veneziana, fez um comentário ao texto de Diodoro. Além disso, o inesperado professor, desempenhando o seu papel, serviu-se de uma carta de navegação lusa, “muito bonita e singular”, a fim de explicar o itinerário que o suposto viajante tinha feito desde a “Arábia Feliz à costa troglodita⁸”.

De facto, a narrativa de Iambulo começa com a viagem mercantil ao país do incenso (a Arábia Feliz)⁹, no decorrer da qual acontece o primeiro cativo do protagonista quando uns salteadores nómadas assaltaram a caravana. O segundo cativo em poder dos etíopes transfere o cenário para África. O fidalgo português explicou, de mapa na mão, que os raptos

etíopes e com eles a sua presa – Iambulo – tinham passado para a Etiópia troglodita pelo estreito de Babelmandeb, e aventurou mesmo que o porto de onde o grego partiu para a sua viagem maravilhosa poderia ter sido Zeila, o Avalites dos antigos, localizado na costa da Somália¹⁰, ou mesmo Madagáscar, que identificou erroneamente como Oponé, actual Hafun¹¹. Não obstante, aqui há alguma distorção da realidade antiga: dos portos da Arábia (Óquelis, Muza ou Cané), e não de África, era de onde partiam os navios com rumo à Índia, aproveitando os ventos propícios da monção de Verão. É provável que o fidalgo português tenha reflectido sobre a situação do seu tempo; os navios da Índia comerciavam no século XVI com as praças litorais da África oriental: existem lá, para o comprovar, os *Baneanes* encontrados por Vasco da Gama em Melinde.

G. B. Ramusio, *Sumatra* (1566).



HISTORIOGRAFIA

Observemos agora uma série de questões específicas delineadas pelos comentários do fidalgo luso. A ilha descoberta por Iambulo media 5000 estádios¹² de circunferência e ficava no Equador, pelo que no seu céu não se viam nem a Ursa Maior nem outras estrelas. Entretanto, também a Taprobana (Ceilão, como sabemos actualmente) estava dividida em duas pelo Equador de acordo com a doutrina ptolomaica – prova de como eram rudimentares e inconsistentes os conhecimentos geográficos do momento –, tinha 5000 estádios de perímetro, de acordo com Onesícrito, e a sua vegetação exuberante tinha proporcionado a alguns autores hipérbolos semelhantes às expressas por Iambulo. Com bons argumentos, então, o nosso fidalgo excluiu a hipótese de a ilha em questão poder ser Ceilão, porque Ceilão estava situada a sete graus de latitude Norte e no seu céu ainda se distinguia a Ursa Maior: o paraíso de Iambulo – a Taprobana – tinha que ser Samatra.

Esta conclusão era sustentada pelo facto de que, desde longa data, a Taprobana tinha sido identificada como sendo Samatra. Era uma dedução lógica. Marco Polo, que passou alguns meses¹³ em Samatra (então chamada Java Menor) à espera de ventos propícios para continuar a navegação, escreveu que no seu firmamento não aparecia nem a estrela polar nem o Carro da Ursa Maior. Os astrónomos italianos contemporâneos, como Pedro de Abano¹⁴, tiveram que deduzir por pura lógica que essa ilha grande não poderia ser senão a Taprobana. Assim o indica a tradição posterior. Nicolò di Conti residiu um ano numa cidade da Taprobana, “quae Sciamuthera eorum lingua dicitur”, de acordo com o comentário do viajante, Poggio¹⁵.

No mapa de Frei Mauro¹⁶ uma legenda indica “isola Siamotra over Taprobana” (ilha de Samatra acima da Taprobana), (XIII, 38), e uma outra legenda chega a acusar Ptolomeu de se ter enganado: “Ptolomeu querendo descrever a Taprobana descreveu apenas Ceilão” (XIV, 49). Em 1498, como se tenta demonstrar num outro lugar¹⁷, Cristóvão Colombo tentou chegar à Taprobana navegando para Ocidente pelo Equador. A identificação das duas ilhas transformou-se em norma na cartografia da primeira metade do século XVI. Samatra é a Taprobana nos mapa-mundi de Cantino, Caverio, ou Oliveriano, J. Ruysch (Ptolomeu de 1508)¹⁸, Lopo Homem (1509), J. Schoener¹⁹, Juan Vespucci (1524), F. Le Moyne²⁰, Miguel Servet (Ptolomeu de 1535), G. Mercator (1538) e Apiano (1548). De acordo com

Fernão Lopes de Castanheda²¹, Samatra “é a própria, segundo se crê, a que os cosmógrafos antigos chamaram Taprobana”. A identificação, sustentada por Pigafetta²², foi defendida também pelos cronistas espanhóis das Índias: Gonzalo Fernandez de Oviedo, falando de Samatra, precisou: “que os antigos nomeiam Taprobana”²³; e o mesmo sustentaram Francisco Lopez de Gómara²⁴ e Juan López de Velasco²⁵. Em 1558 Juan van der Sloote também se referiu a Taprobana assim, dos “quae nunc Samataram uocant”²⁶. Existe, pois, quase unanimidade.

*A fim de acentuar o contraste
entre a utopia e a realidade,
entre o mundo sonhado
e o mundo vivido,
o protagonista é um modelo
de infelicidades.*

Por conseguinte, não era de modo algum um erro se o nosso fidalgo relacionasse a ilha de Iambulo com Samatra/Taprobana: como se esclarece mais tarde, somente a partir de Samatra teria sido possível demorar quatro meses a chegar ao golfo de Bengala²⁷; além disso, aqueles 5000 estádios que mencionaram os antigos correspondiam às 600 milhas que os portugueses tinham percorrido à volta da costa oriental de Samatra. A ilha de Iambulo, para cúmulo, pertencia a um arquipélago constituído por um total de sete ilhas²⁸. Curiosamente, a Cosmografia medieval também imaginou que Samatra estava assim localizada: “Java Menor, ilha fertilíssima, que tem 8 reinos e é circundada por oito ilhas”, diz Frei Mauro (XIII, 34). De oito era possível, muito facilmente, passar a sete, um número mais carregado de simbolismos mágicos. O fidalgo português pensou, então, com toda a lógica, que este arquipélago eram as sete ilhas perto de Samatra, embora depois Ramusio as tenha distinguido de forma tão absurda quanto repetitiva: Java Maior (Bornéu), Java Menor (Samatra), Bornéu, Timor e as Molucas.

A interpretação do fidalgo português seduziu Lassen ainda no século XIX, que, sem mencionar o

seu precursor, identificou as sete ilhas como sendo Java, Bali, Lombok, Sumbava, Flores, Celebes e Bornéu²⁹. E o coronel inglês G. E. Gerini³⁰ abonou esta hipótese, adicionando, às similaridades mencionadas, a existência, em Samatra, de fontes termais e de uma planta venenosa, a verticalidade dos raios solares e a falta de sombra no seu solo, o costume, normal entre os Bataques, de escrever em colunas verticais dispostas de alto a baixo e da esquerda para a direita e, finalmente, a relação entre grão e o nome da ilha, em Ptolomeu (*Iabadiu*, isto é, *Yava-dvipa*, ‘a ilha da cevada’); em conclusão, a história de Iambulo resulta em ser “so fabulous as has been hitherto been thought.”

A equivalência da Taprobana com Samatra proposta pelo fidalgo português exclui uma possibilidade sugestiva: a sua identificação com Gaspar Barreiros, o sobrinho de João de Barros, que se interessou muito pela geografia antiga e moderna, como o manifestou na sua *Chorografia*, publicada em Coimbra em 1561, tratado que serve para ilustrar uma viagem de Badajoz a Milão em 1546, quatro anos antes da publicação de *Navigazioni e viaggi* (Veneza, 1550-1559). Barreiros, de facto, não esteve na Índia, tanto quanto sei, e sustentou uma teoria cosmográfica absolutamente oposta à do fidalgo amigo de Ramusio, identificando correctamente a Taprobana com o Ceilão no seu *Commentarius de Ophyra regione*³¹; é a opinião, por outro lado, que já tinha sido defendida por João de Barros com uma grande quantidade de dados³² e, antes de Barros, por outros eruditos, entre eles Egídio de Viterbo, quando comemorou, em 1507, a chegada dos portugueses a Ceilão³³.

Hoje, admiramo-nos com o esforço do comentador luso para encontrar informações precisas num texto deliberadamente ambíguo, que é realmente uma complicação de tradições orais, deformações deliberadas e paródias evidentes. Muitos outros detalhes em que é pródiga a narrativa, longe de encaixar num lugar concreto, aumentam a nebulosa incerteza sobre a sua verdadeira identidade³⁴. Entre outras maravilhas da fauna, Iambulo menciona uma cana de cujo fruto, parecido à ervilha, se faz pão. A cana parece ser o bambu. As dificuldades começam com a identificação do fruto em questão. O fidalgo luso³⁵ identificou este pão com o milho, semelhante ao grão-de-bico branco, que era o sustento de toda a Etiópia e das ilhas e continente da Índia ocidental, o milho chamado em português milho zaborro: isto é, o maís, segundo

concluiu, por sua vez, erradamente, Ramusio. Alguns filólogos modernos, como Kroll³⁶, acreditaram ter encontrado na descrição de Iambulo uma vaga referência ao arroz. Outros, como Lassen, pensaram que o pão se referia ao *sagu*, cuja elaboração lembra, até certo ponto, o processo aqui narrado³⁷. Mas não se pode pedir a Iambulo exactidão nos dados; fazê-lo, seria tentar seguir à letra as descobertas dos portugueses tomando como base a *Utopia* de More. E esta foi a causa da confusão do “fidalgo português”: a literatura não é ciência.

Por outro lado, é surpreendente que um homem como o fidalgo anónimo, hábil em latim e bom conhecedor do Oriente, tivesse dado crédito, sem mais cuidado, a todas as fábulas, muitas delas inacreditáveis, que Iambulo narra. Este é um bom tema para reflexão. Os espanhóis, na sua expansão pelo Ocidente, acreditaram encontrar todos os mitos da Índia no Novo Mundo. Colombo e os seus homens avistaram – ou pensaram ter avistado – amazonas, ciclopes, cinocéfalos e grifos nas ilhas das Antilhas: essa era a prova de que tinham atingido o seu objectivo. Mais tarde os prodígios e os monstros foram-se afastando para o continente, até se retirarem finalmente para as águas do Oceano Pacífico.

Os Portugueses, entretanto, parece que foram mais racionais e que não se deixaram enganar por miragens. Não obstante, por pouco que se procure, sob uma aparência mais racional escondem-se os mitos e as fantasias. Aqui vemos um homem culto render-se às fantasias de Iambulo e da sua terra mágica; é necessário recordar que, exactamente nas vizinhanças de Samatra, encontraram os portugueses a ilha do ouro, procurada diligentemente durante todo o século XVI³⁸. Todavia, o cosmógrafo italiano Giovanni Lorenzo Anania identificou a ilha de Iambulo com Samatra e Ofir³⁹. É preciso admitir que, em geral, o europeu rapidamente aceita o que lhe é dito sobre o Oriente, por insólito e absurdo que seja. No Oriente, país de fábulas, tudo pode acontecer, de tal maneira que o primeiro embuste seduz o europeu, tenha nascido no século I a.C., como Diodoro, que nunca esteve na Índia, ou no século XVI, como o fidalgo português, que pisou a terra que identifica.

A seriedade, a relação lógica e as considerações do fidalgo português convenceram Ramusio, que introduziu na sua obra o comentário do seu amigo hóspede, mas sem revelar o seu nome. As suas razões

HISTORIOGRAFIA

continuaram a fazer eco num sábio biblicista como o protestante Samuel Bochart, que, em meados do século XVII, reconheceu sem hesitação a ilha de Iambulo na Taprobana, já convertida correctamente em Ceilão: nada menos do que vinte e um argumentos usou Bochart para refutar a opinião dos “insignes geógrafos Mercator, Iulius Scaliger, Rhamusius, Orosius e Stukius”, que se inclinavam por Samatra⁴⁰; e três daqueles vinte e um argumentos (o 17, o 19 e o 20) apoiam-se nos dados, pouco fiáveis, oferecidos por Iambulo. Poucos anos mais tarde, o grande erudito holandês Isaac Voss discutiu com grande detalhe os textos greco-romanos e cingaleses relativos à Taprobana, admitindo também a sua correspondência com Ceilão e rejeitando, com razão, uma possibilidade que João de Barros tinha deixado em aberto: que um cataclismo tivesse afundado no mar a maior parte da ilha, como asseguravam algumas tradições nativas⁴¹; mas Voss não teve dificuldade em admitir que a ilha de Iambulo era a Taprobana/Ceilão⁴², hipótese que manteve P. Wesseling no século XVIII⁴³ e que voltou a ser defendida no século XX por F. F. Schwarz⁴⁴ e W.- W. Ehlers⁴⁵. Mas deixemos isso aos filólogos e às suas interpretações dos textos da Antiguidade e regressemos a Iambulo.

LIÇÕES GERAIS

Esta viagem imaginária oferece-nos algumas lições de carácter geral, pois é como que um refinamento dos anseios e fantasias que movem os descobridores.

I. Os prodígios e os paradoxos acontecem sempre numa ilha, então o mundo insular, fechado e misterioso, favorece a criação do sonho, seja este agradável ou terrível⁴⁶. Assim acontece já na *Odisseia*. As aventuras mágicas de Ulisses acontecem nas ilhas de Calipso, Circe, Polifemo, os lestrigões ou os feaces. S. Brandão vai à procura do Paraíso no Oceano, escondido na ilha perdida e inacessível. Os tesouros das minas de Salomão são protegidos durante toda a Idade Média numa ilha, a ilha de Salomão. E ilhas serão também a fabulosa *Utopia* de Thomas More e a morada novelesca de Robinson Crusoe.

II. A ilha de Iambulo fica situada num lugar da Terra tão mítico como fabuloso: o Equador, onde alguns cosmógrafos famosos tinham situado a Zona Tórrida, inabitável. Lá, onde os dias e as noites têm a mesma duração⁴⁷, instalou a Antiguidade grega, desde

Píndaro, as ilhas dos Afortunados. É no Equador mágico onde se escondem as maiores riquezas do mundo: ouro, prata, pedras preciosas, especiarias. O Paraíso fica situado também no equinócio, de acordo com uma vasta faixa dos intérpretes bíblicos. Não é de estranhar, portanto, que Iambulo introduzisse conscientemente elementos paradisíacos no seu cenário. A vida dos ilhéus decorre deleitosamente nos prados, tal como os afortunados do Elísio se deleitavam cantando e dançando em vergéis encantadores. O fidalgo português, partindo de um ponto de vista anacrónico, que teria feito sorrir Homero, viu muito claramente a ligação do jardim mítico de Alcino com a exuberância infinita da terra equinocial, que ele conhecia de vista. A história leva-nos, pois, a um mundo de fantasia pelo mero facto de nos transportar à ilha equinocial.

III. A ficção pura não existe: ninguém é capaz de inventar, a não ser num mundo imaginário. A fantasia de Iambulo apoia-se em notícias do Extremo Oriente, retiradas talvez de relatos orais ou de coisas lidas – o que é verosímil – em Megástenes, Onesícrito ou Nearco. Alguns vestígios ou empréstimos são óbvios.

A ilha de Iambulo está consagrada ao sol, a quem os naturais adoram. Uma ilha do Sol aparece já na *Odisseia*. Aqui, não obstante, o culto ao Sol é tanto mais justificado quanto maior é a proximidade da ilha ao nascimento do astro. A Nearco⁴⁸ também foram referidas lendas terríveis sobre uma ilha misteriosa consagrada ao Sol, na qual nenhum homem poderia desembarcar, pois desapareceria para sempre⁴⁹; entre a Taprobana e o continente estava também uma outra ilha do Sol⁵⁰; havia um Porto do Sol na costa oriental da Taprobana⁵¹; e uma fonte do Pancaya mítico chamava-se Água do Sol⁵². O Sol, tem, pois, uma importância extrema na ficção de Iambulo, mas a influência das estrelas não pára aí: os heliopolitanos (Heliópolis, por outro lado, era o nome da moderna Baalbeck: talvez a escolha do nome encerre alguma ironia da qual actualmente não nos apercebemos, talvez denuncie a origem do autor) adoram também o firmamento, “que tudo cobre”. Além disso, a astrologia é uma ciência cultivada laboriosamente pelos fabulosos ilhéus; e aqui é de notar a procurada simbologia planetária da obra, que se reflecte na repetição deliberada do número sete, o “número perfeito”⁵³, ao longo da história: sete são as ilhas do arquipélago

mágico, sete as letras do alfabeto dos nativos, sete anos que o protagonista passa nelas⁵⁴: o mesmo tempo que Ulisses passou na ilha de Calipso segundo Homero⁵⁵. Esta inclinação para observar os fenómenos celestiais foi atribuída curiosamente pelos viajantes medievais aos habitantes da Taprobana: Nicolò di Conti⁵⁶ escreveu que Ceilão era governada pelos brâmanes, filósofos que durante toda a sua vida levavam uma vida pura e a devotavam à astrologia; segundo Martín Behaim⁵⁷, os cingaleses *sindt gross, stark leut und gut 'astronomi'*.

Muito característico do Oriente mítico – e da Idade do Ouro – é a longevidade dos seus habitantes. Os ilhéus de Iambulo viviam até aos 150 anos, a idade que Ctésias⁵⁸ tinha atribuído aos indianos. Chegados a esta idade, punham fim à sua existência voluntariamente; da mesma maneira os átaos de Plínio – os habitantes do país mítico de Uttarakuru – deixavam-se morrer devido ao tédio da vida; e o mesmo era dito dos setentrionais. O abandono voluntário do mundo é, pois, uma característica antiga do Extremo Oriente, mas neste caso reflecte também doutrinas contemporâneas de Iambulo sobre o suicídio⁵⁹: o sábio – o estóico, o cínico, o brâmane – põe fim à vida quando não pode ser auto-suficiente, antes que a carga do corpo seja um estorvo para a alma.

Também característico dos habitantes da Índia ou da terra mágica é a sua elevada estatura. Os heliopolitanos alcançam uma altura de quatro côvados⁶⁰, dimensão considerável para o seu tempo. E a maior peculiaridade da sua compleição física é que os seus ossos eram elásticos, detalhe este muito usado nas actuais novelas de ficção científica.

Outras características estranhas podem derivar de um acervo mítico comum. A língua dos ilhéus de Iambulo era bífida, de tal maneira que podiam falar todas as línguas e emitir todos os sons. A lenda remonta a antigas tradições marítimas. De acordo com uma fonte latina tardia, o *Livro dos Monstros*, havia um povo no Mar Vermelho (ou seja, no Mar Índico) que era capaz de falar todas as línguas, e assim enganava os navegadores, que fazia desembarcar para os comer⁶¹. A extraordinária qualidade é usada neste caso em mau sentido, recordando os sons das sirenes ou a habilidade semelhante de um animal terrível chamado “corocota”. É bom recordar, finalmente, que os árabes tinham fama de ter língua dupla⁶²; este adjectivo, “duplo”, parece

designar a maldade e, ao mesmo tempo, a capacidade poliglota do povo em questão. A língua bífida tem correspondência, creio⁶³, com a dupla campainha que os ilhéus têm nas fossas nasais: ambos são órgãos indispensáveis à voz e a sua duplicidade é necessária para os prodígios referidos.

A esse mesmo acervo comum do imaginário pertencem outros detalhes da natureza da ilha. Iambulo fala-nos do sangue de um animal pequeno que tem a virtude de soldar os membros amputados. Pois bem, a versão toscana de Odorico de Pordenone

*É preciso admitir que,
em geral, o europeu rapidamente
aceita o que lhe é dito sobre
o Oriente, por insólito
e absurdo que seja.*

(XIV, 4) atribui esse poder a um peixe. Provavelmente, trata-se da mesma tradição, mas contada de maneiras diferentes.

O mesmo é possível dizer das portentosas fontes: já Ctésias tinha mencionado nascentes e lagos de virtudes nunca vistas; é uma tradição que se repete várias vezes e se amplia sempre quando se refere à Índia. Por exemplo, havia, de acordo com Ctésias⁶⁴ uma fonte que se enchia todos os anos de ouro líquido, que dava para encher cem cântaros de barro. Uma tradição parecida – a maior proeza dos alquimistas – recolhe Frei Mauro na ilha de Lamori: “in questa ixola se dixesse una aqua nela qual bagnando el fero el se fa oro” (XIV, 36)⁶⁵ e na ilha de Andamán: “se dice esser un lago in questa isola que metandoli ferro diventa oro” (XIV, 39)⁶⁶.

IV. As Relações de viagens têm geralmente uma intenção moralizante: o encontro com o outro pode fomentar a auto-estima do europeu ou derivar numa apologia do “bom selvagem”. A viagem de Iambulo entra na segunda categoria, como demonstra claramente a referência aos costumes que caracterizam os fabulosos ilhéus. A comunidade de mulheres e a consequente promiscuidade sexual tinham sido um tema favorito da sofística e da filosofia, ridicularizado

HISTORIOGRAFIA

pela comédia: pensemos, para mencionar apenas duas obras significativas, na *República* de Platão ou nas *Assembleia de Mulheres* de Aristófanes. Não é de estranhar, conseqüentemente, que também o povo encontrado por Iambulo tenha tido esta prática, como um meio óptimo para obter a concórdia social: onde os filhos são de todos, não há favoritismos e reina a mais pura fraternidade. Não obstante, pode ser que nem tudo seja ficção. Os viajantes, medievais e modernos, falaram muito da promiscuidade sexual de determinados ilhéus selvagens, com razão ou sem ela. O bom Odorico de Pordenone⁶⁷ ficou horrorizado ao encontrar tão libertinos costumes em Lámori (Samatra). Não menos estupefactos ficaram Conti e Varthema ao ver como as mulheres mudavam libertinamente de maridos em Calecute.

A comunidade das mulheres tem, por conseqüência, não explícita neste caso, a comunidade dos bens, uma outra característica típica das utopias clássicas de Platão. A comunidade agrária, que os Romanos conheceram em povos como os Vaceus⁶⁸ e os Suevos⁶⁹, rapidamente passou a ser idealizada como mais uma vantagem do “bom selvagem”, cem vezes melhor do que o homem supostamente civilizado. O próprio Horácio⁷⁰ enaltecia os citas e os getas porque os homens alternam todos os anos no trabalho do campo, o que é equivalente a dizer que não têm propriedade privada; por essa razão, as suas terras não têm marcos. A mesma comunidade de bens foi atribuída aos habitantes das ilhas Ebudes, uma adição a Solino⁷¹. Esta mistificação do homem primitivo voltou a aparecer, muito significativamente, no século XVI, quando humanistas como Pedro Mártir de Angleria enquadraram a figura do índio das Antilhas, despido e simples como Adão no Paraíso, dentro da estrutura da evocada Idade do Ouro.

Em resumo: na viagem de Iambulo são referidos todos os tópicos das viagens dos descobrimentos, que aqui estão articulados com uma clara intenção moralizadora, mas com o desejo não menos evidente de deleitar o leitor; a obra é um exemplo notável do *delectare docendo* (deleitar, ensinando) da perspectiva clássica. O prestígio da Antiguidade fez com que esta utopia em forma de novela fosse tomada a sério: especialmente instrutiva sob todos os aspectos resulta a fracassada tentativa do fidalgo português para identificar a ficção literária com a realidade vivida por ele no Sudeste asiático.

TRADUÇÃO DO TEXTO

55. Sobre a ilha que foi descoberta no Oceano ao meio-dia e sobre as suas maravilhas tentaremos falar sucintamente, depois de termos exposto claramente a causa da sua descoberta. Um tal Iambulo tinha-se afeiçoado à cultura desde a infância; mas após a morte de seu pai, que era comerciante, também ele se dedicou ao comércio. Subia através da Arábia até à região dos aromas quando caiu, juntamente com os seus companheiros de viagem, nas mãos de salteadores. Inicialmente ele e um outro cativo foram transformados em pastores; mas, mais tarde, ele e o seu companheiro foram capturados por uns etíopes, que os conduziram até à costa de Etiópia. Ambos ficaram cativos a fim de que, sendo estrangeiros, cumprissem a expiação do país⁷². Era, de facto, um ritual dos etíopes dessa região, transmitido desde tempos imemoriais e sancionado pelos oráculos dos seus deuses, que se realizava há vinte gerações, isto é, há seiscentos anos, pois que cada geração se conta por trinta anos⁷³. E como a expiação se fazia por meio de dois homens, tinham preparado um barco do tamanho apropriado, capaz de enfrentar as tempestades do mar e fácil de ser manobrado por duas pessoas. Assim, pois, depois de terem carregado provisões suficientes para dois homens durante seis meses, colocaram-nos a bordo e ordenaram-lhes que se fizessem à vela cumprindo o oráculo; além disso, mandaram-nos seguir rumo ao Sul, dizendo-lhes que haveriam de chegar a uma ilha feliz e de homens afáveis, onde viveriam felizes; e acrescentaram que, se chegassem a salvo à ilha, o seu próprio povo gozaria também de seiscentos anos de paz e de felicidade total; mas se voltassem para trás, estarecidos perante a imensidão do oceano, incorreriam nas punições mais severas como homens ateus e perniciosos para a toda a cidade. Diz-se que os etíopes, conseqüentemente, celebram uma grande festa à beira-mar e que, no fim de sacrifícios esplêndidos, cobrem de grinaldas os que vão de partida e obrigam-nos a sair para que cumpram a expiação do povo. Estes, após quatro meses de navegação e tempestades no mar alto, chegaram à referida ilha, que tem forma redonda⁷⁴ e um perímetro de, aproximadamente, 5000 estádios.

56. Aproximavam-se já da costa quando alguns ilhéus saíram ao seu encontro e conduziram o seu barco para terra. Os outros, aproximando-se em correria,

HISTORIOGRAPHY

ficaram espantados com a chegada dos estrangeiros, mas trataram-nos afavelmente e fizeram-nos participantes dos bens que a terra dá. Os habitantes da ilha são muito diferentes dos do nosso mundo quer quanto às suas características corporais quer quanto ao seu modo de vida. De facto, todos se assemelham na compleição dos seus corpos⁷⁵ e na altura excedem os quatro côvados, mas podem duplicar a extensão dos ossos e depois retorná-los ao normal, como se fossem elásticos⁷⁶. Têm o corpo excessivamente macio, mas mais vigoroso do que nós: de facto, quando agarram algo, não há quem possa tirar-lho das mãos. Não têm pêlo em parte alguma do seu corpo, excepto na cabeça, nas sobrancelhas, nas pálpebras e também no queixo, mas no resto dos seus membros são assim tão imberbes que não se vê neles nem o mais ligeiro buço. São bonitos e proporcionados na configuração do seu corpo. Têm as narinas⁷⁷, muito mais largas do que nós e nelas nasce, atrás, uma espécie de sinos. Também a sua língua tem uma peculiaridade, em parte congénita, em parte feita deliberadamente como artifício; de facto, é bífida até um determinado ponto, mas, mais no interior, eles próprios a dividem, de tal maneira que têm duas línguas até à sua raiz; consequentemente, são bastante versáteis e não só imitam todas as vozes humanas e articuladas, mas também reproduzem todos os gorjeios dos pássaros e, no geral, toda a espécie de sons e, o que é mais surpreendente, é que podem falar ao mesmo tempo com dois homens, se se encontrarem com eles, respondendo-lhes e raciocinando de acordo com o assunto, falando com um por uma parte da língua e com o outro pela outra. Na sua terra a temperatura é muito moderada, correspondente à de quem vive no equinócio e sem a opressão do calor e do frio. As árvores dão fruto durante todo o ano, como diz o poeta⁷⁸: “a pêra madura sobre a pêra, a maçã sobre a maçã, a uva sobre a uva e o figo sobre o figo”. Os dias são sempre iguais às noites, e ao meio-dia nada faz sombra porque o sol está em seu zénite.

57. Vivem agrupados em famílias⁷⁹, juntando-se os familiares em número não superior a 400. Passam o tempo nos prados, pois a terra fornece muitas coisas para o sustento, dado que graças à generosidade da ilha e da amenidade do clima nascem espontaneamente alimentos mais do que suficientes. No seu solo cresce uma quantidade enorme de uma planta que dá fruto

em abundância, semelhante à ervilha branca; quando o colhem, molham-no em água quente até que alcance o tamanho de um ovo de pomba; depois, esmagando-o e desintegrando-o destramente com as mãos, moldam o pão, de admirável doçura, que comem cozido. Há numerosas fontes, umas quentes, apropriadas para o banho e o descanso, e outras frias, que destacam pela sua benignidade e têm a virtude de estimular a saúde. Têm cuidado com a aprendizagem de todas as disciplinas e em especial a astronomia. Usam 28 letras, para traduzir os sons⁸⁰, embora o número dos caracteres não seja superior a sete, de modo que cada um vale por quatro. Não desenham as linhas horizontalmente, como nós, e escrevem na vertical⁸¹. Os homens têm uma vida muito longa, vivendo até aos 150 anos, sem terem doenças, de uma maneira geral. A quem for mutilado ou tenha qualquer deficiência física obrigam-no a pôr fim à vida por uma lei inexorável. Está estabelecido entre eles viver até um número determinado de anos, e uma vez chegados a esse termo deixam-se morrer de uma morte estranha: na sua terra cresce uma erva peculiar⁸², e quem se reclinava sobre ela, cai adormecido e expira de uma maneira suave e imperceptível.

58. Os homens não se casam, mas têm as mulheres em comum, e criam as crianças que nascem como crianças comuns e gostam de todas da mesma maneira; e, quando são pequenos, as mulheres que os amamentam mudam a meio da amamentação, de modo a que nem as mães reconheçam os seus próprios rebentos. Assim, não se levantando entre eles rivalidade alguma, vivem sem discussões internas, valorizando acima de tudo a concórdia.

Têm animais de tamanho pequeno, mas maravilhosos pela natureza do seu corpo e pelo poder do seu sangue; são redondos e muito semelhantes às tartarugas, mas na sua superfície têm em cruz duas estrias amarelas, cujas extremidades são dotadas, cada uma, de olhos e boca; por essa razão vêem com quatro olhos, e servem-se de duas bocas, mas reúnem o alimento numa única garganta, através da qual engolem a comida e tudo conflui num único estômago; da mesma maneira as suas entranhas e todos os seus órgãos internos são únicos. Debaixo da sua circunferência estão providos, à volta, com muitos pés, graças aos quais se podem mover na direcção que quiserem. O sangue destes animais tem um poder admirável: solda de

HISTORIOGRAFIA

imediatamente todo o membro que tenha sido amputado num corpo vivo, e se for uma mão ou uma outra parte similar, cola-a se o corte for recente; e assim acontece também com os restantes membros do corpo, sempre que não estejam em áreas vitais.

Cada grupo cria um pássaro de grande tamanho e de natureza estranha, com o qual põem à prova a força de espírito das crianças pequenas. De facto, põem-nas às cavalitas dos pássaros e, depois do voo destes, criam as crianças que aguentaram a viagem pelo ar e rejeitam as que ficaram aturdidas ou amedrontadas, por considerarem que não terão vida longa e que tão pouco merecem estima pelas outras virtudes da sua alma⁸³.

Em cada grupo comanda sempre o mais velho, como um rei, e todos lhe obedecem; e quando aquele que tem a liderança, ao cumprir os 150 anos, põe fim à sua vida em cumprimento da lei, sucede-lhe no comando quem o segue na idade. O mar que rodeia a ilha, cheio de correntes e sujeito a violentas subidas e baixas da maré⁸⁴, tem um sabor doce. Do lado de cá não aparecem as constelações do lado de lá e de maneira nenhuma as Ursas e muitas outras. As ilhas são sete, semelhantes no tamanho e separadas por intervalos iguais, e todas mantêm os mesmos costumes e leis.

59. Os que aí vivem, apesar de a natureza lhes fornecer em abundância todas as coisas, nem por isso desfrutam delas excessivamente, mas mantêm a moderação e ingerem só o alimento necessário. Preparam a carne e todos os outros alimentos assados ou cozidos; mas não têm noção alguma das iguarias que inventam os cozinheiros, como os molhos e a variedade de condimentos. Veneram como deuses tudo o que abarca o universo⁸⁵, o Sol e em geral todas as coisas celestiais. Pescam com habilidade uma infinidade de peixes de todo o tipo e caçam muitas aves. Ali cresce um grande número de árvores de fruta e aí crescem também, oliveiras e videiras, de que extraem azeite e vinho em abundância⁸⁶. Também há serpentes de tamanho extraordinário que não causam danos aos homens, cuja carne é comestível e deliciosa. Fazem-se roupas de umas canas que têm no seu interior uma pelugem brilhante e suave⁸⁷; cozem-na e misturando-a com conchas marinhas esmagadas, fazem maravilhosos

vestidos púrpura. A constituição física dos animais é diferente, e tão estranha que é difícil de acreditar.

Tudo o que diz respeito à comida se rege entre eles por uma ordem estabelecida, pois nem todos se alimentam ao mesmo tempo nem comem o mesmo. Em determinados dias, umas vezes comem peixe, outras vezes aves, em certas ocasiões animais terrestres e às vezes azeitonas e outros petiscos frugais. Servem-se uns aos outros alternadamente e pescam alternadamente, dedicam-se ao artesanato ou a outro trabalho útil⁸⁸; outros exercem funções públicas periodicamente, com excepção dos idosos. Nas celebrações e nas festas⁸⁹ dizem e cantam hinos e elogios aos deuses, principalmente ao Sol, de quem as ilhas e eles próprios recebem o nome⁹⁰.

Sepultam os mortos enterrando-os na areia durante a maré baixa, de modo a que na maré alta o túmulo fique coberto. As canas que produzem o fruto da sua comida, que têm um diadema⁹¹ de diâmetro, tornam-se mais volumosas, segundo se diz, com a fase crescente da Lua e por sua vez diminuem na mesma proporção com a fase minguante⁹². A água das fontes, que é doce e salutar, mantém o calor e nunca esfria, a menos que se misture com água fria ou vinho.

Após sete anos entre eles, Iambulo e o seu companheiro foram expulsos de lá contra a sua vontade, considerados homens perversos e imbuídos de maus costumes. Consequentemente, depois de terem preparado o seu barco e carregado de alimentos, foram forçados a partir. Após terem navegado mais de quatro meses, foram parar a terras de arreas movediças e de malfeitores da Índia. O seu companheiro perdeu a vida nas ondas agitadas, enquanto que Iambulo, levado para uma aldeia, foi conduzido pelos naturais à presença do rei na cidade de Palfbotra⁹³, que fica a muitos dias de caminho da costa. E como o rei era amigo dos gregos e amante da cultura, julgou-o digno de grande favor. Finalmente, passou primeiramente pela Pérsia com salvo-conduto e mais tarde chegou são e salvo à Grécia. Iambulo entendeu que tudo aquilo merecia ser escrito e adicionou muitas coisas sobre a Índia que eram ignoradas pelos outros homens. **RC**

Tradução de A. Dias

NOTAS

- 1 A obra de Iambulo foi objecto de uma tese de doutoramento de D. Winston (*Iambulus, a Literary Study in Greek Utopianism*, Diss. Columbia, 1956, 136 pp.) a que não tive acesso. Quanto à bibliografia antiga cf. a resenha crítica de R. Münscher, *Jahresbericht über die Fortschritte der klassischen Altertumswissenschaft*, CXLIX, 183-86. Um bom resumo das questões principais foi feito por Winiarczyk. Uma análise realizada do ponto de vista dos géneros literários encontra-se em N. Holzberg, “*Utopias and Phantastic Travel: Euhemerus, Iambulus*”, em G. Schmeling (ed.), *The Novel in the Ancient World*, Leiden, 1996, pp. 621ss.; a sua defesa de Diodoro parece-me um pouco ingénua.
- 2 Cf. Rohde, *Griech. Roman*, p. 241 n. 1.
- 3 Apud Kroll, C RE. 683. 23ss.: *Jabbul* poderia originar em grego *Iambulos* (com nasalização da consoante geminada como em *Habbaquq* > *Ambakuk*).
- 4 *Weltgeschichte Asiens im griechischen Zeitalter*, Halle, 1948, II, p. 155.
- 5 H. J. Rose (“The Date of Iambulus”, *Classical Quarterly*, XXXIII [1939] 9-10) supôs que a referência à temperatura da zona equatorial fosse um eco de Posidónio (cf. Cleómedes, I 6, 31-2); Iambulo, nesse caso, teria vivido no século I a.C., sendo provavelmente contemporâneo de Diodoro. Mas imediatamente W. W. Tarn (“The Date of Iambulus. A Note”, *Classical Quarterly*, XXXIII [1939] 193) rebateu tal hipótese: a mesma doutrina sobre o clima do Equador tinha já seguido Eratóstenes (cf. Estrabão, II 97); Iambulo pertenceu, segundo ele, à época dourada do helenismo, o século III a.C. Mais clarificada está a data a partir da qual: o modelo de Iambulo foi o *Registo sacro* de Evémero, escrito nos últimos anos do século IV, que narrou também uma viagem por mar desde a Arábia Feliz às ilhas do Oceano, uma das quais era Pancaya (Diodoro Sículo, V 41-46, VI 1ss.; Jacoby, F Gr Hist 63 2-3)
- 6 Não o menciona, p. ex., Winiarczyk (p. 139), quando refere a propósito o “Discorso” de Ramusio. Marica Milanese chega a pensar que esta personagem poderia ser uma invenção do próprio Ramusio, hipótese que me parece gratuita. De acordo com o que me foi referido muito oportunamente pela Prof. Carmen Radulet, o português teve que ser mencionado por Marino Sanudo; a identificação, entretanto, será difícil; J. M.^a García pensava em António Galvão.
- 7 D. João, um homem atento a curiosidades, como bom humanista, mostrou-se receptivo a outras culturas, interrogando uns e outros e tomando nota de tudo. Um dos seus cadernos, contendo uma história árabe, foi conservado por um comerciante, Rafael Gualtieri, e encontra-se na Biblioteca Comunale de Siena (E. Asensio, “Uma história árabe recolhida por D. João de Castro”, in *III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Lisboa, 1959, I, pp. 395ss., artigo que conheço graças à amizade de Rui Loureiro).
- 8 Cf. Ramusio, pp. 903ss.
- 9 De acordo com Rohde (*Griech. Roman*, p. 244 n. 1), seguido por Kroll (*RE*, c. 681, 37ss.), a região produtora de perfumes refere-se já à costa da Somália. Assim foi designada esta algumas vezes; mas num contexto mais geral, como o de Iambulo, não é possível entender por *aromatophoros* senão a costa do incenso no Yemen. Por Arábia se decidem também Oldfather (p. 65 n. 2. aceitando a tese de *dià* proposta por Kallenberg) e Winiarczyk (p. 132 n. 15).
- 10 Cf. *India y Catay*, p. 526.
- 11 Ramusio, p. 905.
- 12 “estádio” significa medida itinerária equivalente a 125 passos, ou seja, 206,25 metros – Nota do tradutor.
- 13 Dois, de acordo com a versão latina (III 16), cinco, de acordo com as versões em Castelhana. Para as primeiras referências de viajantes ocidentais a Samatra cf. H. Yule-A. C. Burnell, *Hobson-Jobson*, ed. fac-similada Calcutá, 1990, p. 865 b.
- 14 No seu *Liber conciliator differentiarum philosophorum et medicorum* (consultei a edição de Florença, 1520, f. 94r) Abano fez mesmo um desenho ilustrando como era o céu visto por Marco Polo em Samatra.
- 15 Apud Poggio Bracciolini, *Historiae de varietate fortunae libri quattuor*, Paris, 1723, p. 130
- 16 Menciono as legendas servindo-me da transcrição de T. Gasparini Leporace, *Il mapamondo di fra Mauro*, Roma, 1966.
- 17 *Mitos y utopias del descubrimiento. I. Colón y su tiempo*, Madrid, 1989, pp. 72ss., 130ss.
- 18 No mapa-mundi King-Hamy, conservado na Biblioteca Huntington de Pasadena, encontra-se Ceilão à esquerda do Áurea Quersoneso; o mesmo guia seguem Bernardo Silvano (Ptolomeu de 1508) e Martín Waldseemüller (Ptolomeu de 1513).
- 19 *Luculentissima quaedam terrae totius descriptio cum multis utilissimis Cosmographiae iniciis nouaque et quam ante fuit uerior Europae nostrae formatio*, Nuremberg, 1515, f. CXLIIII: “Taprobana hodie Samotra” (1523: “Samothra dicta Taprobona”).
- 20 Falando de Samatra diz: “manifesto colligi possit, hanc verè Taprobanam esse, licet extensioris magnitudinis quam Ptolemaeus opinabatur” (*De orbis situ ac descriptione*, Amberes, 1565, s. p.)
- 21 *História da Índia*, II, 111 (I, p. 458).
- 22 *Viaje*, p. 184.
- 23 *Historia general y natural de las Indias*, XX 3 (*BAE* 188, p. 236 b), 35 (p. 301 b).
- 24 *BAE* 22, p. 158 a-b.
- 25 *Descripción universal de las Indias* (*BAE* 248, p. 295 a).
- 26 Utilizo a citação do prólogo de E. Asensio à sua edição de Gaspar de Leão, *Desengano de perdidos*, Coimbra, 1958, p. XXI.
- 27 Ramusio, pp. 905ss.
- 28 Sete ilhas são, curiosamente, as ilhas Canárias.
- 29 A identificação feita por Lassen é puro capricho, como já observou Rohde (*Griech. Roman*, p. 252 n.).
- 30 *Researches on Ptolemy's Geography of Eastern Asia*, Londres, 1909, pp. 593ss. Devo o conhecimento deste livro à amizade de Rui Loureiro.
- 31 Diz assim: “Somatram insulam, quam multi falso opinati sunt esse Taprobanam; ut enim a nobis in quibusdam nostris geographicis observationibus satis disputatum est, constat eam esse insulam Taprobanam, quae his temporibus eodem ipso paene nomine Seilam appellatur”.
- 32 *Asia*, Década III, 2 1 (V, pp. 109-10), com referência à sua *Geografia*, actualmente perdida.
- 33 Cf. o Prólogo de E. Asensio ao *Desengano de perdidos* de Gaspar de Leão, p. XVI.
- 34 Cf. *India y Catay*, p. 41.
- 35 Ramusio, p. 904.
- 36 Cf. Kroll, *RE*, c. 682, 49ss.
- 37 Contrariamente observa Rohde (*Griech. Roman*, p. 252 n.) que o *sagu* é retirado de uma palma e não de uma cana, sem que haja razão que justifique a menção de um fruto similar à ervilha; é necessário reconhecer, todavia, que existe determinada similaridade entre ambos os procedimentos (cf. a descrição de Odorico de Pordenone, XIV 2 [*India y Catay*, p. 467]), e as imprecisões apontadas por Rohde podem ser devidas a um mal-entendido por parte de Iambulo.
- 38 Cf. o meu artigo “Las islas de la India”, *Los universos insulares*, Cadernos do CEMYR, III, La Laguna, 1995, pp. 157ss.
- 39 *L'universale fabbrica del mondo, overo Cosmografia*, Venécia, 1582, p. 268: “e di quà [la isla de Sumatra] s'estrahe tanta copia d'oro, che tal volta arriva a due conti l'anno; quindi si puo giudicare questa esser stata, si per ciò, si anco per la lontananza del paese, bisognando girarla gran parte per andar a Singapura, si ancora per la quantità dell'avolio, del legno d'Aloe e dell'altre cose aromatiche l'isola dove Salomone

HISTORIOGRAFIA

- faceva navigare ogni anno la sua flotta per il mare Rosso, dove ancora arrivò Iambolo, che si partì dalla Trogloditica.” Fala, depois, de “Java Menor” (p. 270), sem se aperceber que é a mesma ilha.
- 40 *Geographiae sacrae pars altera, cujus pars prior Phaleg de dispersione gentium et terrarum diuisione facta in aedificatione turris Babel, pars posterior Chanaan de coloniis et sermone Phoenicum agit*, Cadomi, 1646. Utilizei a edição de Franckfurt am Main, 1681, revista por David Clodio, professor de Línguas Orientais em Giessen: Phaleg, II 27 (pp. 160ss.) e Chanaan, I 46 (pp. 770ss.). Bochart identificou também a Taprobana com a bíblica Ofir: o nome Taprobana viria do árabe *Taph Paruan*, ‘a costa Paruan’ (daí o *Peruain* de II Paralipómenos, 3, 6), o porto de Hippuros seria equivalente a Ophir e aos topónimos bíblicos Paz (Cantar 5, 2) e Uphaz (Daniel, 10, 5) corresponderiam ao golfo de Páris e ao rio de Phasis da ptolomaica Taprobana. P. Wesseling (*Diodori*, p. 471) reprovou a Bochart o facto de ter dado como verdadeiras as fantasias de Iambulo; cf. também Rohde, *Griech. Roman*, p. 256 n.; Winiarczyk, p. 140.
- 41 *Observationes ad Pomponium Melam de situ orbis*, La Haya, 1658, pp. 274ss.
- 42 *Ibidem*, p. 278.
- 43 P. Wesseling, *Diodori*, p. 470: “In insulam Taprobanem, quae nunc *Zeilan*, non male haec quadrant”.
- 44 “The Itinerary of Iambulus Utopianism and History”, *Indology and Law. Studies in Honour of J. Duncan W. Derret*, Wiesbaden, 1983, pp. 18-55, alegando fontes do tempo dos Mauria e textos medievais para explicar os fragmentos de Iambulo.
- 45 “Mit dem Südwestmonsun nach Ceylon. Eine Interpretation der Iambul-Exzerpte Diodors”, *Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft*, nova série, XI (1985), 73-85.
- 46 Insisti neste ponto em “As ilhas imaginárias”, *Oceanos*, 46 (Abril/Junho 2001), pp. 12ss.
- 47 É a característica também de uma outra ilha mítica, a “insula Solistitionis”, onde não fazia calor nem frio, havendo sempre uma temperatura primaveril (M. C. Díaz y Díaz, *Visiones del Más Allá en Galicia durante la Alta Edad Media*, Santiago de Compostela, 1985, p. 117).
- 48 Arriano, *Cosas de la India*, 31 (cf. *India y Catay*, pp. 351ss.).
- 49 De acordo com Kroll (*RE*, c. 682, 56ss.), este culto a Helios “recorda a antiga crença no jardim do deus do Sol”.
- 50 Plínio, *Historia natural*, VI 86 (*India y Catay*, p. 301).
- 51 Ptolomeu, VII 4, 6.
- 52 Cf. Diodoro Sículo, V 44, 3. Outra fonte do Sol, com propriedades maravilhosas, existia em África (Heródoto, IV 181, 4).
- 53 Assim o designou Teodoro de Samotrácia porque Zeus, ao nascer, esteve 7 dias rindo sem parar (Jacoby, F Gr. Hist 62 1).
- 54 Cf. Winiarczyk, pp. 147ss. A importância do número 7 na vida humana manifesta-se já na distribuição por hebdómadas feita por Solón, *Elegias*, 19 Diehl.
- 55 *Odisseia*, VII 259. Alguns mitólogos ousaram opor-se a Homero: foram cinco anos, segundo Apolodoro (*Biblioteca*, VII 24) e um segundo Higino (*Fábulas*, 125, 16).
- 56 *De varietate fortunae*, p. 130.
- 57 Cf. E. G. Ravenstein, *Martin Behaim, his Life and his Globe*, Londres, 1908, p. 86.
- 58 Cf. *India y Catay*, p. 162.
- 59 Cf. Rohde, *Griech. Roman*, p. 247 n. 1.
- 60 Nota do tradutor: “côvado” (do latim *cubitu*) é uma antiga medida de comprimento equivalente a 3 palmos, ou seja, 66 centímetros, de acordo com o *Novo Dicionário Aurélio*.
- 61 “Numa ilha do Mar Vermelho há um povo de natureza híbrida (*commixtae naturae*) que dizem que pode falar as línguas de todos os povos; consequentemente, aos homens que vêm de longe, uma vez conhecidos, deixam-nos atónitos chamando-os pelos seus nomes, a fim de os enganar e de os comer crus” (*Livro dos Monstros*, 40 [M. Haupt, *Opuscula*, Leipzig, 1876, II, p. 233]. Não me satisfaz a leitura *eorum cognitos*, que traduzo de forma aproximada; talvez seja necessário corrigir *eorum incognitos*, ‘e que desconhecem o seu temperamento’). Cf. Rohde, *Griech. Roman*, p. 246 n. 2.
- 62 *Periplo del mar Rojo*, 20 (*India y Catay*, p. 264).
- 63 Cf. *India y Catay*, p. 41.
- 64 Cf. *India y Catay*, p. 154.
- 65 Tradução: diz-se que nesta ilha há uma água que, banhando o ferro nela, este se transformará em ouro.
- 66 Tradução: diz-se que nesta ilha há um lago que, metendo ferro dentro dele, este se transformará em ouro.
- 67 XII 2 (*India y Catay*, pp. 462-63).
- 68 Diodoro Sículo, VII 50.
- 69 Julio César, *Guerra das Gálias*, IV 1.
- 70 *Odes*, III 24, 9ss.
- 71 Edição de Th. Mommsen, pp. 219, 5ss.
- 72 Iambulo e o seu companheiro transformaram-se em bodes expiatórios ou *pharmakoi*, aos quais já se referiu Hipónax (5-10 West) com informações muito curiosas. O mesmo costume, mas localizado em Marselha, aparece numa passagem, hoje perdida, do *Satiricón* de Petrónio (fragm. I Müller), talvez a imitar Iambulo: o criminoso, após viver um ano a expensas da comunidade, era adornado com ramos e roupas sagradas e conduzido por Marselha entre mil imprecações dos assistentes à cerimónia, de modo a que recaíssem sobre ele todos os infortúnios que ameaçavam a comunidade; e, depois, era atirado, muito provavelmente ao mar, como faziam os etíopes. Como refere Rohde (*Griech. Roman*, p. 244 n. 2), em algumas ilhas do Pacífico colocavam no mar, em pequenos barcos, os mortos ou as pessoas gravemente doentes; e o mesmo costume tinham os antigos alemães. Na ilha Hiera (Sagrada), de acordo com Evémero (Jacoby, F Gr. Hist 63 F 3, 4), não se podia enterrar os mortos, que eram levados para uma ilha vizinha. Este costume também está documentado no Ocidente. Na Irlanda, de acordo com Cresques, os homens não morrem (repetição da ilha de Atánato, ‘imortal’, de Solino), pois quando chegam a velhos e estão prestes a morrer levam-nos para fora: “são levados para fora da ilha” (*Mapamundi del año 1375*, Barcelona, 1983, p. 31), isto é, para a ilha dos Mortos (cf. Doménico Silvestri, *De insulis*, s.v. ‘Iberia’).
- 73 É o prazo de tempo confirmado por Heráclito (fragmento A 19 Diels) para o *geneá* ou a geração: o termo cíclico em que um pai pode ver o seu filho também transformado em pai, isto é, o momento de se transformar em avô.
- O prazo da expiação traz à memória a história relatada por Plutarco (*De facie in orbe lunae*, 941 Css.), com origem também, de acordo com H. von Arnim, numa novela de viagens fantásticas: quando a estrela de Saturno entra no signo de *Taurus*, o que acontece de trinta em trinta anos, os homens do Continente (terra firme que o oceano rodeia), enviam por mar uma expedição de modo a que durante trinta anos preste culto a Saturno na ilha maravilhosa consagrada ao deus: depois desse período de tempo os enviados podem regressar à sua pátria, sendo substituídos. Mas neste caso não há uma expiação (*katharmós*), mas uma expedição de delegados (*theoría*), como a que os gregos mandaram a Delos, por exemplo, a fim de honrar Apolo. Chama a atenção para o facto de que esta tradição perdura, embora muito alterada, na mitologia insular dos árabes, de acordo com a qual há uma ilha que um astro – Saturno – reduz a cinzas de trinta em trinta anos: os seus habitantes são forçados a deixá-la nesse momento, regressando à mesma quando o fogo estiver extinto (A. Arioli, *Islario maravilloso. Periplo árabe medieval*, Barcelona, 1992, pp. 50 e 144ss.). O envio de delegados transforma-se em exílio e a ilha de Saturno e o Continente trocam os seus papéis.

HISTORIOGRAPHY

- 74 A forma circular caracteriza as ilhas extraordinárias: uma ilha redonda é também o Paraíso no planisfério de Hereford (s. XIII).
- 75 A similaridade de todos os povos bárbaros (citas e etíopes) entre si é referida várias vezes pelos gregos (cf. Rohde, *Griech. Roman*, p. 246 n.).
- 76 Bochart (*Chanaan*, I 46 [p. 775]) interpretou esta elasticidade relacionando-a com os jograis mencionados por Mercator na Taprobana: os mágicos e os milagreiros de que tinha falado o historiador Eliano (*Varia Historia*, VIII 7).
- 77 Aceito a conjectura “nariz” em vez de “orelha” (assim Eichstädt, Rohde [*Griech. Roman*, p. 246 n. 1], García Gual [*Orígenes*, p. 71]). No caso de manter a outra leitura, poderá talvez referir-se, a propósito, um costume dos negros da costa oriental de África: “os seus reis e chefes trazem pendurado na orelha esquerda um sino de cobre sem badalo” (Bernardo G. de Brito, *História Trágico-Marítima*, Livros de Bolso Europa-América, II, p. 131). Observação do tradutor: a palavra “nariz” não aparece no texto, pois traduzi “Las ventanas de su nariz” por “narinas”.
- 78 *Odisseia*, VII 120-21.
- 79 De acordo com Lassen, há aqui uma referência às castas (por essa razão se decidiu localizar a acção em Bali, a única ilha que, com Java, tem esta organização social). Pelo contrário, e entre outros argumentos, Rohde (*Griech. Roman*, p. 251 n.1; cf. também Kroll, *RE*, c. 682, 35ss.) fez notar que a própria limitação dos componentes do grupo é oposta ao sistema de castas.
- 80 E. Jacquet (*Journ. Asiatique*, N.S., VIII [1831] 20ss.) interpretou *kharaktores* como ‘consoantes’ e *semáinonta* como ‘vogais’. Para Lassen, as consoantes são sete, cuja vocalização dá 28 letras; de acordo com Kroll (*RE*, c. 681. 42ss.), o alfabeto é derivado de sete “tipos originais simples”. São teorias sem fundamento; mas Iambulo tenta procurar uma correspondência – neste caso inexistente – entre letras e fonemas, como já tinha observado Rohde (*Griech. Roman*, p. 254 n.). García Gual (*Orígenes*, p. 72 n. 9) lembra o silabário de nove sinais, com quatro posições cada um, inventado pelo reverendo Evans para os indianos.
- 81 Assim é a escrita chinesa, mas não a indiana.
- 82 Aceito a conjectura *idiophyès* de Dindorf. Rohde (*Griech. Roman*, p. 248 n.): a planta teria duas espécies, recordando que havia duas espécies de mandrágora, provavelmente a planta aqui referida, uma branca (macho) e outra preta (fêmea).
- 83 O pássaro totémico permite fazer esta avaliação, que recorda determinados costumes espartanos, que procuram a eliminação dos fracos.
- 84 Estas marés bruscas são provavelmente uma referência aos macaréus observados na península de Cache pelos navegadores, antigos e modernos.
- 85 Quer dizer, ao céu. A ideia é estoíca (cf. Kroll, *RE*, c. 683, 5ss.). Bochart (*Chanaan*, I 46 [pp. 774-75]) comparou com esta passagem de Iambulo um texto de *Viaje* de Benjamín de Tudela, que eu traduzo de seguida de acordo com a sua interpretação: “Na frente do altar do seu templo estende-se um vale grande, onde todos os dias acendem um fogo grande. Chamam-no em árabe de *Alhauta* e fazem passar através dele os seus filhos” (de acordo com Bochart, *alhauta* significa ‘vorago’ e não ‘divinatas’, como tinha transcrito Arias Montano). Mas, em versões modernas, em vez de ‘vale’ lê-se ‘fosso’, aceitando-se por outro lado a acepção dada por Arias Montano a *Elahuta*, ‘divindades’ (assim, p.e, J. R. Magdalena Nom de Deu, *Libro de viajes de Benjamin de Tudela*, Barcelona, 1989). Como se vê, pouco tem que ver o que diz Iambulo com o que diz Benjamín de Tudela; mais perto da relação grega encontra-se o que diz o judeu dos habitantes de Quilon: “pela manhã correm ao encontro do sol, pois em cada templo têm um disco solar feito com artificios de mago” (*ibidem*).
- 86 As ilhas índicas não têm vinho; por essa razão, Lassen interpretou que se tratava do sumo de uma palma (contrariamente a Rohde, *Griech. Roman*, p. 253 n.), e com razão.
- 87 Referência provável ao algodão (assim já S. Bochart, *Chanaan*, I 46 [p. 775]; cf. também Kroll, *RE*, c. 682, 51).
- 88 Quer dizer que não havia escravos, como refere muito oportunamente Kroll (*RE*, c. 683. 9ss.).
- 89 Assim Wesseling corrige; os manuscritos referem “súplicas” em vez de “festas”.
- 90 Talvez chamados *heliopolitai*.
- 91 Respeito com dúvidas a leitura dos códices *stephaniatous*, entendida segundo a versão de Wesseling e Rohde (*Griech. Roman*, p. 245 n. 1). Reiske, seguido por Oldfather e por Kroll (*RE*, c. 683), emendou *spithamiatous*, que seria então “de um palmo”: a cana teria então 23 cm de largura.
- 92 Rohde (*Griech. Roman*, p. 245 n. 1) dá outros exemplos da relação que as plantas e os animais têm com a Lua: entre eles, as prodigiosas árvores do pseudo-Calístenes (II 36), que nascem quando ela surge e morrem quando desaparece.
- 93 A referência a Políbrota (Pataliputra, a actual Patna) deriva em última instância de Megástenes (cf. Kroll, *RE*, c. 683. 42ss.), que viveu alguns anos na corte de Chandragupta.

BIBLIOGRAFIA

- García Gual, Carlos. *Los orígenes de la novela*, Madrid, Ed. Istmo, 1972.
- Gil, Juan. *La India y el Catay*, Madrid, Alianza Editorial, 1995.
- Kroll, Wilhelm, *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, Stuttgart, 1914, IX 1, s.v. ‘Iambulos’, c. 681-83.
- Oldfather, C.H. *Diodorus Siculus. II. Books II, 35-IV, 58*, Cambridge-Londres, 1979 (Loeb Classical Library).
- Ramusio, Giovanni Battista. *Navigazioni e viaggi*, a cura di Marica Milanese, Milán, I, 1978, p. 897ss.
- RE* = Pauly-Wissowa-Kroll, *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*.
- Rohde, Erwin. *Der griechische Roman und seine Vorläufer*, Leipzig, 1914³.
- Winiarczyk, Marek. “Das Werk des Jambulos. Forschungsgeschichte (1550-1988) und Interpretationsversuch”, *Rheinisches Museum für Philologie*, CXL (1997) 128-53.
- Wesseling, Peter. *Diodori Siculi Bibliothecae historicae libri qui supersunt ex recensione Petri Wesselingii... Nova editio*, Estrasburgo ex typographia societatis Bipontinae, 1793, II.